

APRESENTAÇÃO DO NÚCLEO DE ESTUDOS JEAN MAUGÜÉ*

SÍLVIO ROSA FILHO

membro do Núcleo de Estudos Jean Maugüé

Doutorando em Filosofia

FFLCH-USP

Gostaria de falar brevemente sobre a motivação inicial deste centro de estudos que, a partir de hoje, assume uma responsabilidade própria: responder pelo nome *Núcleo de Estudos Jean Maugüé*.

A idéia, pois era disto que se tratava, nasceu com a reunião de alguns estudantes de filosofia da Universidade de São Paulo, tomados por uma certa sensação de asfixia e interessados em estudar obras de autores já clássicos, sobretudo, *Formação do Brasil Contemporâneo* (Caio Prado Jr.), *Raízes do Brasil* (Sérgio Buarque de Holanda), *Formação Econômica do Brasil* (Celso Furtado) e *Formação da Literatura Brasileira* (Antonio Candido); decididos a começar por Antonio Candido, juntaram-se a nós, por questão de afinidade, alguns amigos da história e das ciências sociais. Em pouco tempo fomos descobrindo pelo tino que, afora as conversas de recreio e os assuntos de bar, não era assim tão impossível que estivéssemos respirando dos mesmos ares. Enquanto principiava uma interlocução, vimos que de fato estavam proliferando — de modo um tanto espontâneo aqui, outro tanto dirigido ali — grupos esparsos, de relação fragmentária, algumas vezes com propósitos similares, e, bom sinal, ciosos de sua “autonomia” enquanto grupo.

O que era uma idéia passou então a tomar corpo. Longe de funcionar como um pólo excludente ou como mero espaço de aglutinação — pensávamos e continuamos a pensá-lo —, o Núcleo se quer como *vetor inclusivo* de grupos de estudo nascidos no ambiente universitário. Longe de aparecer como lugar de exibição, o Núcleo já

* Em novembro de 1996, no Anfiteatro de História da FFLCH-USP, teve lugar a reunião de abertura do Núcleo de Estudos Jean Maugüé. Nesta ocasião, a conferência de Marilena Chauí e o depoimento de Antonio Candido (registrados em vídeo pelo Centro Acadêmico de Filosofia “Prof. João Cruz Costa”), assim como a leitura do texto “Ponto de Partida” por José Fernando Peixoto de Azevedo (publicada no *Caderno de Abertura*) foram precedidos de uma “apresentação” para a qual o texto ora publicado serviu de base.

se configurava como encorpando uma dupla tarefa: estimular o crescimento da autonomia de cada grupo existente e buscar novas formas de sociabilidade para a interlocução entre eles. Agora o cumprimento dessa tarefa conhece apenas o seu início, a idéia tem pouco mais de um ano e as dificuldades, bem, elas não cessaram de medrar. Contando hoje com mais de quinze grupos de estudo¹, o Núcleo se constitui como um *fórum* para a difusão, a discussão e o debate daquilo que é estudado por esses grupos. Acrescente-se que nem só de grupos começa a ter vida o Núcleo de Estudos Jean Maugüé, mas também, da colaboração individual de muitos estudantes, e ainda, de alguns professores simpáticos à idéia. O teor desta apresentação vale, pois, como um agradecimento àqueles que até agora contribuíram conosco, e vale, por certo, como um convite para que outros grupos de estudo, não apenas tomem conhecimento do trabalho que estamos tentando levar adiante, mas venham a participar e sugerir atividades conjuntas.

*

É justo dizer que, quando nasceu o que foi a *idéia* do Núcleo, em meio a estudantes de filosofia, o nome *Jean Maugüé* estava já na ponta da língua. Em 1979, no entanto, na aula inaugural do Departamento de Filosofia, a professora Gilda de Mello e Souza supõe com razão que “o nome de Jean Maugüé não deve significar nada para a maioria dos jovens que me estão ouvindo”². E antes dessa ocasião, em 1974, Antonio Candido³ já se pronunciara a respeito de Jean Maugüé como o professor que exercera uma influência decisiva em Gilda de Mello e Souza, Décio de Almeida Prado, Lourival Gomes Machado, Paulo Emílio Salles Gomes, o Ruy Coelho da primeira fase, o próprio Antonio Candido. E se é bem certo que, desde os anos setenta, as contribuições de Jean Maugüé voltaram a ser pensadas e discutidas⁴, o seu nome passa a assumir, nos dias que correm, um *significado* e um *valor específicos*, quer para os que tiveram a iniciativa de formar este Núcleo, quer, talvez, para os que estiverem atualmente na universidade, principalmente, para a

¹ Como se pode constatar pelo *Caderno de Abertura* de novembro de 1996, os grupos reúnem estudantes de filosofia, ciências sociais, história, geografia, letras, arquitetura, cinema, economia, pedagogia, provenientes da USP, UNESP e UNICAMP.

² “Estética rica e estética pobre dos professores franceses”, in *Discurso*, n°9.

³ “Sobre o trabalho teórico”, in *Revista Transformação*, n°1.

⁴ Têm sido decisivos, para tanto, os ensaios de Paulo Eduardo ARANTES presentes sobretudo em *Um Departamento Francês de Ultramar* (Rio, Paz e Terra, 1994).

gente das humanidades e afins; em outros termos, se for correto que, em nossas abordagens teóricas e em nossas inserções práticas, a idéia de *transformação* não é palavra vã.

Uma brevíssima nota biográfica lembraria que, nascido em 1902 e falecido em 1990, Jean Maugüé se encontrava entre os primeiros professores da “missão francesa” que (junto a Arbrousse Bastide, Lévi-Strauss, Fernand Braudel, Roger Bastide) participaram da fundação da antiga Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras. Entre 1935 e 1944, Jean Maugüé ofereceu cursos sobre Pascal, Kant, Hegel, Schopenhauer, Nietzsche, Max Scheller, Freud, entre outros. Após essa estadia brasileira, alistou-se e fez a guerra no norte da África sob o comando do general Delattre de Tassigny, recebeu condecoração por bravura, ensaiou carreira diplomática (“gorada”, na expressão tomada a Gilda de Mello e Souza) junto à embaixada francesa na Argentina e no Canadá, voltando a ocupar, até o fim da vida, o lugar do qual sempre se lhe fizera ouvir o apelo de uma vocação: professor. Pouco escreveu, embora fosse autor de uma prosa notável, como se pode apreciar e facilmente conferir⁵. De suas memórias lançadas em 1982, pela Buchet/Chastel, com o título *Les Dents Agacées*, escolhemos uma passagem que merece reflexão:

“Eu era daquela geração que considerava que um curso devia ser, em primeiro lugar, um discurso bem concatenado. O meu começava pela interrogação clássica ‘que é a filosofia’ e terminava com ‘a liberdade’ Quando me ocorre passar os olhos sobre esse antigo trabalho, muitas águas rolaram sob as pontes do Sena. Mas não me envergonho. Chego a crer que não seria sem interesse publicá-lo tal e qual, com poucas palavras de advertência, como testemunho do que era o ensino, há vinte anos. Meus infelizes alunos estragavam sua caligrafia ao transcrever, voando, as palavras de seu professor. Mas aprendiam a conduzir seu pensamento, isto é, a se conduzir, *tout court*. Ademais, quando o professor parava de ditar, usufruíam as delícias de longos momentos de explicação e de livre discussão.”⁶

⁵ Por exemplo, o ensaio “O ensino da filosofia e suas diretrizes”, in *Anuário da Faculdade de Filosofia*, 1934-1935 (reeditado na *Kriterion*, n°29, 1954, e no *Caderno de Abertura do Núcleo de Estudos Jean Maugüé*). Ou ainda, seu artigo “Sigmund Freud” n’*O Estado de São Paulo* (8 de outubro de 1939), reeditado em *Sigmund Freud e o Gabinete do Dr. Lacan* (São, Paulo, Brasiliense, 1989), org. Paulo César Souza.

⁶ Obra citada, p. 214. Ministradas no *Lycée Carnot*, transcritas por seus alunos e revistas pelo próprio Jean Maugüé, estas aulas de filosofia compõem um livro que está sendo traduzido por mim e por Denílson Soares Cordeiro, com publicação prevista pela *Discurso Editorial* e “apresentação” de Antonio Candido.



estudantes, a de futuros professores e intelectuais; participar da ampliação do Núcleo, sem abrir mão da presença acadêmica em nossas respectivas faculdades; partir da vivência no *campus* universitário para dar consistência ao tripé ensino-pesquisa-extensão — tudo isto significa reformular uma série de problemáticas. Por exemplo: os cidadãos em que os estudantes vêm se tornando estarão de fato prontos para intervir criticamente na sociedade? Em que pés andam a pesquisa científica e tecnológica de cujo “desenvolvimento” fazemos parte? Qual é a envergadura da extensão universitária que nos cabe praticar e fazer crescer?

*

Nascido com o século XX, Jean Maugüé é um desses homens raros que — ainda capaz de transitar de modo conseqüente pelas ciências sociais, pela história, psicanálise, artes plásticas, literatura e filosofia; tendo feito parte, ademais, daquela geração que Lévi-Strauss caracterizou como uma geração propensa à evasão —, com este mesmo século XX, entrou para o rol das personalidades em vias de extinção. Entretanto, no seu tempo e à sua maneira, repunha esta questão que, em sala de aula ou fora dela, vale a pena ser reformulada por todos nós, ao menos uma vez na vida e tanto quanto necessário for: pois, afinal, de que *liberdade* somos agora capazes, nós cujo *ser* ainda se condensa no *fazer*?